MALA DE HISTÓRIAS: A CONTAÇÃO COMO PRÁTICA ESTÉTICA, AFETIVA E FORMADORA

STORYBAG: STORYTELLING AS AN AESTHETIC, AFFECTIVE, AND EDUCATIONAL PRACTICE

DENISE FERNANDES DA SILVA
Graduação em Pedagogia pela Faculdade Unicastelo (2011); Pós-graduada em Neuropsicologia pela Faculdade Conectada - FACONNECT (2024); Pós-graduada em Psicomotricidade pela Faculdade Conectada - FACONNECT (2025); professora de educação infantil e ensino fundamental I Pela Prefeitura da Cidade de São Paulo.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a contação de histórias como prática estética, afetiva e formadora, com foco na Educação Infantil. Discute-se o papel do contador como mediador entre a palavra e o público, valorizando a memória afetiva, a ancestralidade e a escuta sensível como fundamentos da narrativa oral. A metodologia adotada é qualitativa, baseada em vivências formativas e análise de textos literários e teóricos. São abordados critérios para a escolha de repertórios, recursos expressivos do contador, a importância das imagens internas e dos sentidos na construção da narrativa, bem como o ambiente e a relação com o público. A contação é compreendida como um ato de resistência simbólica, capaz de despertar a imaginação, fortalecer vínculos e transformar espaços educativos e culturais. O artigo propõe, assim, a valorização da palavra narrada como experiência de humanização e partilha.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Memória afetiva; Imaginação e escuta; Formação de leitores; Narrativa oral.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on storytelling as an aesthetic, affective, and formative practice, with a focus on Early Childhood Education. It discusses the role of the storyteller as a mediator between

the word and the audience, valuing affective memory, ancestry, and sensitive listening as the foundations of oral narrative. The methodology adopted is qualitative, based on formative experiences and analysis of literary and theoretical texts. Criteria for choosing repertoires, the storyteller's expressive resources, the importance of internal images and senses in the construction of the narrative, as well as the environment and the relationship with the audience are addressed. Storytelling is understood as an act of symbolic resistance, capable of awakening the imagination, strengthening bonds, and transforming educational and cultural spaces. The article thus proposes the appreciation of the narrated word as an experience of humanization and sharing.

KEYWORDS: Storytelling; Affective memory; Imagination and listening; Reader training; Oral narrative.

INTRODUÇÃO

Dizem que quando os contos soam, as plantas param de crescer e os pássaros esquecem a comida de seus filhos. Essa imagem poética nos convida a adentrar um universo onde a palavra narrada é capaz de suspender o tempo e despertar a imaginação. A contação de histórias, mais do que uma técnica, é um gesto ancestral de partilha, escuta e criação de vínculos. Em um mundo marcado pela velocidade e pelo excesso de informações, revisitar o ato de contar histórias é também um ato de resistência simbólica e de reconexão com o humano.

Este artigo propõe uma reflexão sobre a contação de histórias como prática estética, afetiva e formadora, considerando sua potência na formação de leitores e na construção de experiências significativas no contexto da Educação Infantil. A valorização da memória afetiva, da ancestralidade e da escuta sensível é central para compreender o papel do contador como mediador entre o conto e o público.

A estrutura do texto parte de uma abordagem simbólica da “mala de histórias” como metáfora da bagagem afetiva e cultural que cada contador carrega. Em seguida, são discutidos os critérios de escolha de repertórios, os recursos expressivos do contador e a importância do ambiente e da escuta na construção da narrativa. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre a contação como prática de humanização e resistência poética.

A MALA COMO METÁFORA: A HISTÓRIA DE VIDA COMO PONTO DE PARTIDA

> “Eu nasci num tempo antigo, muito velho, muito velhinho. Velhíssimo. Fui menina de cabelos compridos trançados, repuxados, amarrados com tiras de pano. Minha mãe não podia comprar fita. Tinha vestidos compridos de babado e barra redobrada (não fosse eu crescer e o vestido ficar perdido). Minha bisavó, setenta anos mais velha do que eu, costurava meus vestidos. Vestido ‘pregado’. Sabe lá o que era isso? A

> humilhação da menina botando seios, vestindo vestido pregado… tinha outros: os mandriões, figurinos da minha bisavó.” (CORALINA, 2004, s.p.)

A contação de histórias é, antes de tudo, um ato de partilha de si. A metáfora da “mala de histórias” representa a bagagem simbólica que cada contador carrega: suas memórias, afetos, ancestralidade e experiências. Conforme expressa o poema de Cora Coralina, ao narrar sua infância com simplicidade e sensibilidade, a autora nos convida a imaginar, sentir e nos conectar com a menina de tranças e vestidos costurados pela bisavó. Essa conexão só é possível porque há verdade e emoção naquilo que é contado — e é justamente essa autenticidade que torna o contador de histórias alguém capaz de tocar o outro.

A autenticidade, portanto, não está apenas na fidelidade ao enredo, mas na relação íntima entre o narrador e a narrativa. Contamos por que algo nos tocou, e desejamos partilhar esse encantamento. É preciso que o conto saia do coração e não da cabeça. Isso exige que o contador mergulhe em sua própria bagagem afetiva, reconhecendo suas raízes, suas memórias e sua ancestralidade.

Essa dimensão ancestral é belamente ilustrada no livro *O cão e o curumim*, de Cristino Wapichana. A cena em que o curumim observa sua avó em comunhão com o jatobazeiro revela uma sabedoria que transcende o tempo e a palavra escrita. A árvore, com suas cicatrizes e galhos como braços, torna-se símbolo da existência compartilhada e da cura que nasce da doação. A avó ensina:

> “Sabe, meu neto, não estamos sozinhos no mundo. Olhe para esta árvore e para o chão que você pisa. Somos feitos de uma pequena parte de tudo o que nos cerca. [...] Existimos quando o outro existe e nos completamos quando nos doamos, como esta árvore, que se deixa ferir para curar os outros. Só existimos juntos.” (WAPICHANA, Cristino. O cão e o curumim. São Paulo: Melhoramentos, 2018, p. 14–15.)

Essa fala sintetiza o espírito da contação de histórias como prática de escuta, de vínculo e de partilha. Contar é existir com o outro — e é nesse encontro que a narrativa se torna viva.

A prática de olhar para a própria história, proposta no curso, reforça essa ideia. Ao responder perguntas simples sobre o nome, a origem, os antepassados, o nascimento, o contador já estão narrando. A vida é feita de histórias, e narrar é uma forma de existir. Somos feitos de histórias, e é a partir delas que o contador encontra sua voz, sua verdade e sua potência.

Assim, o começo da jornada do contador não está no conto escolhido, mas em si mesmo. É preciso abrir a mala e reconhecer o que se carrega: as palavras herdadas, os silêncios escutados, os afetos guardados. Como nos ensinam os povos indígenas, somos também aqueles que vieram antes de nós. E é com essa consciência que a palavra narrada ganha força, verdade e beleza.

MEMÓRIAS DE LEITURA: O PROFESSOR COMO PONTE ENTRE HISTÓRIAS E AFETOS

O conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, evoca com delicadeza o encantamento de uma menina apaixonada por livros — uma imagem que contrasta com a realidade de muitos alunos que hoje não demonstram o mesmo entusiasmo pela leitura. Diante disso, surge uma pergunta incômoda, mas necessária: por que tantos estudantes não gostam de ler?

A resposta, como apontam Baseio e Gregorin Filho (2012), envolve múltiplos fatores: o alto custo dos livros, a escassez de bibliotecas com profissionais preparados, e a ausência de adultos leitores no convívio das crianças. O desejo de ler, afinal, nasce do exemplo e da convivência. E se muitos alunos — e até professores — ainda não descobriram que as histórias são reinvenções da vida, talvez seja hora de revisitarmos nossas próprias memórias literárias.

A leitura, idealmente, deveria ser cultivada desde o ambiente familiar. No entanto, diante das limitações da vida cotidiana, a escola se torna o espaço privilegiado para formar leitores. Mas essa missão não recai sobre a instituição de forma abstrata — ela se concretiza na figura do professor. E só se pode oferecer ao outro aquilo que se tem: se o educador não desenvolveu uma relação afetiva com os livros, dificilmente despertará esse sentimento em seus alunos.

Por isso, é essencial que cada educador se volte para suas próprias memórias de leitura. Quem contou suas primeiras histórias? Qual livro mais o emocionou? Que poema ainda guarda de cor? Ao revisitar essas lembranças, o professor não apenas se reconecta com sua trajetória leitora, mas também encontra uma forma sensível de compartilhar com os alunos sua história com as histórias.

Mais do que transmitir conteúdos, o professor é um narrador de si. Como afirmam Ferreira-Santos e Almeida (2014), é na aula que o educador cumpre seu destino, não ao contar sua vida em detalhes, mas ao revelar, por meio de gestos, vocabulário e escolhas, a estética de sua existência. São essas marcas subjetivas que os alunos guardam — mais do que fórmulas ou datas.

> “Por fim, essa dimensão estética da vida, que se presentifica e se realiza na narração de si, não se aparta da própria atuação do professor, que mais do que um mero reprodutor de conhecimentos sem vida, de livros didáticos ou de apostilas, faz de sua aula o espaço privilegiado para se autobiografar, para cumprir o seu destino de professor. Não se trata aqui do professor que conta a sua vida (mesmo que ela fosse tão interessante a ponto de ultrapassar a duração de uma aula!), que de resto em nada acrescentaria à formação do aluno. Mas de levar aos alunos o testemunho de seu destino, de sua história, de suas escolhas, de seus gestos, seu vocabulário, as estratégias, referências, enfim, tudo aquilo que atua como pano de fundo ou trilha sonora para os conteúdos curriculares, mas que, ainda que aparentemente em segundo plano, é o que será lembrado pelos alunos, portanto, o que é fundamental. Os alunos podem praticar um sem-número de exercícios e decorar fórmulas e fórmulas, mas o que eles guardarão serão as lições de vida. São os teóricos e políticos da educação que desejam professores facilitadores, técnicos, que transmitem conteúdos, que replicam saberes. Ousamos querer professores artistas, poetas, estetas, que saibam traduzir o mundo do saber em saber do mundo, que saibam gozar e ensinar a

> gozar os prazeres de existir, de partilhar, de viver, que tenham tato para o estético e arte para o acaso." (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2014, p.262-263)

Assim, ao narrar suas experiências com a leitura, o professor se torna ponte entre o saber e o sentir, entre o conteúdo e o afeto. E é nesse espaço de escuta e partilha que pode nascer o verdadeiro desejo de ler.

IMAGENS AFETIVAS: A MEMÓRIA COMO MATÉRIA-PRIMA DA NARRAÇÃO

Ao nos conduzir por um arruado de treze casas, com um rio por detrás e um avô que lavava pedras, Manoel de Barros nos oferece muito mais do que uma descrição literal. Ele nos entrega uma paisagem afetiva, povoada por sons, cheiros, sabores e lembranças que se formam em nossa mente mesmo sem serem explicitamente descritas. O poeta não nos diz como era o avô, nem a cor das casas, mas ainda assim somos capazes de visualizar tudo — porque ativamos nossas próprias imagens internas.

Essas imagens, como explica Regina Machado (2004, p. 27), são fundamentais para a experiência da escuta e da leitura: "O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência."

Essas imagens internas são formadas ao longo da vida, a partir de tudo o que vimos, ouvimos, sentimos e vivemos. São elas que dão vida às histórias que contamos e ouvimos. Quando um narrador compartilha um conto, ele não transmite apenas palavras — ele evoca sensações, desperta memórias, ativa os cinco sentidos do ouvinte.

A narração, portanto, é uma arte que exige presença sensível. O contador precisa "ver" as cenas que narra, sentir os cheiros, lembrar os sons, tocar as texturas e saborear as comidas que menciona. É com essa memória afetiva que ele compõe os personagens, os cenários e os humores da história.

Cada pessoa que conta uma mesma história a faz soar diferente, pois imprime nela suas próprias lembranças, suas imagens únicas. E é justamente isso que torna a narração uma experiência viva, singular e profundamente humana. A imaginação, como a sensibilidade, precisa ser cultivada. E é na escuta atenta, na evocação das memórias e na partilha das sensações que o narrador encontra o caminho para tocar não apenas a mente, mas o coração de quem o ouve.

A ARTE DE CONTAR: ENTRE A ESCUTA, A PRESENÇA E O ENCANTAMENTO

A tradição oral é uma herança ancestral que atravessa gerações, culturas e geografias. No romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, encontramos a figura da mulher do régulo — uma personagem que, com sua voz serena e acolhedora, transforma o medo em coragem e o tumulto em escuta. Sua presença é tão poderosa quanto sua palavra: "A voz da mulher do régulo era chuva

fresca. Tinha o poder de serenar multidões...” (CHIZIANE, 2018, p. 16–18). Ela não apenas conta histórias — ela acolhe, transforma, cura.

Essa figura simbólica nos lembra que contar histórias é, antes de tudo, um ato de partilha humana. Como afirma Regina Machado (2004, p. 33), “a atividade de contar histórias constitui-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade única, insubstituível.” O contador de histórias não fala para o outro, mas com o outro. Ele compartilha, envolve, escuta com o corpo inteiro. Sua voz, seus gestos, suas pausas e silêncios são parte essencial da narrativa: “Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão. Por isso impõe uma pausa. E suspense.” (CHIZIANE, 2018, p. 16–18).

Contar histórias é uma arte que exige tempo, prática e sensibilidade. Assim como o desenho infantil que se estagna quando deixamos de praticá-lo, a narração também se atrofia se não for exercitada. Nossos antepassados dominavam essa arte porque viviam em ambientes onde a escuta e a convivência com os mais velhos eram parte do cotidiano. Hoje, é preciso reconquistar esse espaço de escuta e presença.

A metáfora do rei que busca ser o melhor contador de histórias ilustra bem essa jornada. Ao final de anos de busca, ele descobre que o verdadeiro contador é aquele cujas histórias permanecem vivas mesmo quando seu nome é esquecido. O contador é servidor do conto — não o contrário. Ele conduz a narrativa como quem solta e puxa a linha de uma pipa: com tato, atenção e entrega.

Para que a narração seja significativa, cinco elementos devem ser considerados:

1. Personalidade do narrador – Quem sou eu? Quais histórias ressoam com minha identidade?
2. O conto – De onde vem? Qual sua origem, suas versões, seus sentidos?
3. O público – Para quem conto? Crianças, adultos, famílias? Que escuta esse público traz?
4. O ambiente – Há conforto, silêncio, acolhimento? O espaço favorece a escuta?
5. A linha – O fio invisível que conecta narrador e ouvinte, conduzindo a história com leveza e precisão.

A escolha do conto deve ser feita com cuidado e consciência. O narrador precisa ter sido tocado pela história, compreendê-la em profundidade e saber por que deseja compartilhá-la. É essa emoção genuína que cria o encantamento. Contar histórias é, portanto, mais do que uma técnica — é um gesto de confiança, de presença e de afeto. É uma forma de tocar o outro com palavras que despertam sentidos, memórias e emoções. E, como toda arte, pode ser aprendida, cultivada e transformada em uma experiência viva e inesquecível.

ESCOLHER PARA ENCANTAR: A CONSTRUÇÃO DO REPERTÓRIO NARRATIVO

A escolha das histórias que irão compor a “mala” do contador é um dos momentos mais significativos de sua formação. Cada conto selecionado carrega não apenas uma narrativa, mas também valores, símbolos, afetos e possibilidades de conexão com o público. Por isso, o repertório não deve ser escolhido ao acaso, mas com intencionalidade, sensibilidade e conhecimento.

Há milhares de histórias espalhadas pelo mundo, e classificá-las pode ser um caminho útil para quem está começando a explorar esse universo. Embora toda classificação seja, em parte, uma simplificação, ela ajuda a organizar o olhar e a ampliar o repertório. Entre as categorias mais comuns estão os contos populares, os mitos, os contos maravilhosos, as fábulas, os contos de animais, as lendas, os causos e os contos etiológicos.

O folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo propôs uma classificação mais detalhada dos contos populares, incluindo categorias como contos de encantamento, de exemplo, de animais, facécias, religiosos, etiológicos, de adivinhação, acumulativos, entre outros. Conhecer essas classificações permite ao contador compreender melhor as origens, estruturas e funções simbólicas das histórias que escolhe contar.

Hoje, os livros continuam sendo uma das principais fontes de pesquisa para quem deseja formar seu repertório. No entanto, há também outras possibilidades ricas e acessíveis: bibliotecas públicas, vídeos de contadores disponíveis na internet, apresentações em espaços culturais e rodas de histórias em comunidades. Observar diferentes formas de contar, escutar diferentes vozes e estilos, amplia a percepção e inspira novas escolhas.

Mais do que buscar histórias “bonitas” ou “divertidas”, o contador precisa se perguntar: *por que quero contar esta história? O que ela diz sobre mim? O que desejo despertar em quem me escuta?* A escolha do conto é, portanto, um ato de escuta — de si e do outro. É o início de um encontro.

CONTAR PARA CRIANÇAS E FAMÍLIAS: CAMADAS, SENTIDOS E ENCANTAMENTO

O conto tradicional africano *A mãe doente*, do povo kabre (Togo), nos oferece uma rica oportunidade de refletir sobre a escolha e a condução de histórias para crianças e famílias. Nele, acompanhamos quatro animais — aranha, tartaruga, porco-espinho e abelha — que respondem de formas distintas ao pedido de ajuda de sua mãe doente. A narrativa, embora simples em sua estrutura, revela múltiplas camadas de sentido: para as crianças, é uma história de bichos com atitudes humanas; para os adultos, uma metáfora sobre empatia, responsabilidade, vaidade e reconhecimento.

Esse tipo de conto é ideal para públicos diversos porque oferece uma “janela” para cada ouvinte. A criança se encanta com os personagens e suas ações; o adulto, com os significados simbólicos que emergem. Assim, a narração se torna uma experiência compartilhada e enriquecedora. Como afirma Bonaventure (1992, p. 9):

> “... não se precisa de nenhuma capacidade especial, nenhum conhecimento intelectual específico para entender os contos, pois eles nos dizem algo sobre o ser humano que às vezes não sabíamos como formular, e o dizem de maneira bastante simples.”

Para que esse encontro aconteça de forma significativa, o contador precisa considerar diversos aspectos práticos: o tempo de atenção do público, os temas de interesse, o objetivo do encontro, o

grau de interação e participação desejado, além dos recursos internos e externos que utilizará e da preparação do ambiente.

Contar para crianças pequenas exige sensibilidade ao tempo de concentração. Contos curtos, com repetições, sons e gestos, são mais eficazes. Já crianças maiores podem acompanhar histórias mais longas, com elementos mágicos, de humor ou de aventura. Como destacam Matos e Sorsy (2009, p. 43):

> "A partir dos 5 anos de idade, os contos etiológicos, as histórias que falem sobre comportamentos corretos entre amigos, histórias de criaturas mágicas e jornadas e histórias que estimulem a imaginação e o sentido de fazer parte de uma comunidade são bem aceitos. Os contos de fadas podem ser introduzidos com uma estrutura mais simples, no caso dos menores, mas devem ganhar um enredo mais elaborado e complexo para as crianças que estão na faixa dos 7 anos."

A escolha do conto deve dialogar com o momento, o público e a intenção do narrador. A interação pode ser estimulada com gestos, onomatopeias, perguntas e desafios. Esses recursos internos — como voz, olhar, ritmo e intenção — são o que o contador carrega consigo e desenvolve com o tempo. Como afirma Regina Machado (2004, p. 72):

> "A disposição interna para se deixar levar pela respiração da história é uma aprendizagem que se faz pelo exercício de habilidades: de observação, de percepção da expressão das coisas, de curiosidade, senso de humor, capacidade de brincar, de correr o risco, de perguntar, de ter flexibilidade para ver as coisas de diferentes pontos de vista, contato com imagens internas significativas, com o poder do silêncio e do mistério, com as possibilidades expressivas dos gestos corporais, do olhar e da voz."

Além dos recursos internos, há os recursos externos: repertório, músicas, objetos, fantoches, instrumentos. Esses elementos devem ser usados com equilíbrio, para enriquecer a narrativa — nunca para ofuscar a história. O foco deve permanecer no conto e na experiência de escuta. O ambiente também é parte essencial da contação. Um espaço acolhedor, silencioso e visualmente limpo favorece a escuta e a imaginação. Pequenos detalhes — como tecidos, luz suave ou objetos simbólicos — ajudam a criar uma atmosfera mágica.

Contar para crianças, hoje, é um desafio ainda maior diante da velocidade das telas e da fragmentação da atenção. Mas é justamente por isso que a contação se torna ainda mais necessária: ela oferece pausa, presença, vínculo e encantamento. Afinal, como lembra Bonaventure (1992, p. 19): "Afinal de contas, tanto os contos como toda outra obra de arte são uma 'variação sobre o mesmo tema': o ser humano se buscando e buscando o sentido de sua vida."

NARRATIVAS PARA ALÉM DA INFÂNCIA: A ESCUTA SENSÍVEL E A POTÊNCIA DA CONTAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

A contação de histórias, embora frequentemente associada ao universo infantil, revela-se igualmente potente quando direcionada a jovens e adultos. Um exemplo emblemático dessa força narrativa é o conto das *Mil e Uma Noites*, cuja origem remonta a manuscritos do século XIII e que, apesar de muitas vezes adaptado para crianças, foi concebido para um público adulto. A história de Sherazade, Shahriar e Shahzenã é um convite à reflexão sobre temas universais como o amor, a dor, a traição, o poder e a redenção — elementos que atravessam a experiência humana em todas as idades.

Ao narrar as desventuras dos dois irmãos reis, traídos por suas esposas, o conto mergulha o ouvinte em um universo de emoções profundas. A dor de Shahzenã, inicialmente insuportável, transforma-se em resignação ao perceber que seu irmão, o poderoso Shahriar, também fora vítima da infidelidade. A narrativa se intensifica quando ambos testemunham a traição de um gênio por sua esposa humana, o que os leva a concluir que a deslealdade feminina é inevitável — uma visão trágica e generalizante que culmina na decisão de Shahriar de casar-se com uma mulher por noite e mandá-la matar ao amanhecer, como forma de se proteger da dor.

É nesse cenário sombrio que surge Sherazade, filha do grão-vizir, que, com coragem e inteligência, decide mudar o destino das mulheres do reino. Sua estratégia é simples e genial: contar histórias. A cada noite, ela inicia um novo conto, interrompendo-o ao amanhecer, despertando no sultão o desejo de ouvir o desfecho. Assim, noite após noite, Sherazade vai tecendo uma rede de encantamento, adiando sua morte e, ao mesmo tempo, tocando o coração do sultão. Com o tempo, a escuta se transforma em afeto, e o desejo de matar cede lugar ao amor.

A narrativa oral sempre foi um espaço de encontro entre adultos, um território simbólico onde se elaboram medos, desejos, conflitos e esperanças. Contar histórias para jovens e adultos, portanto, é também um gesto de escuta e partilha, que exige do contador sensibilidade para escolher repertórios que dialoguem com as inquietações desse público.

Para esse tipo de plateia, algumas estratégias se mostram eficazes: iniciar com contos curtos para captar a atenção, reservar narrativas mais longas para o momento em que o vínculo já estiver estabelecido, e escolher temas que abordem dilemas existenciais, afetivos ou éticos. Contos de humor refinado, mitologias e histórias de superação também costumam gerar identificação. Além disso, é essencial criar um espaço de aproximação antes da narração — uma conversa breve sobre a origem do conto, uma música, uma poesia ou até mesmo uma partilha pessoal. O ouvinte precisa sentir que aquela história está sendo contada especialmente para ele.

A contação para jovens e adultos, assim como para crianças, é um ato de presença e escuta. Mas aqui, o desafio é outro: não conter a espontaneidade, mas vencer a timidez. Criar um ambiente seguro e acolhedor é fundamental para que o público se permita mergulhar na narrativa. Cada história, nesse contexto, torna-se um espelho e uma ponte — um convite ao autoconhecimento e à empatia.

CONTAR PARA ESTABELECER VÍNCULOS: A ESCUTA COMO PONTO DE ENCONTRO

A contação de histórias, quando compreendida como prática relacional, revela-se uma poderosa ferramenta de aproximação entre sujeitos. Em contextos educativos, especialmente, ela pode transformar o ambiente escolar em um espaço de escuta, pertencimento e afeto. Mais do que entreter ou transmitir conteúdos, contar histórias é um modo de criar vínculos — e vínculos são a base de qualquer processo formativo significativo.

A construção desses vínculos passa, antes de tudo, pela presença sensível do educador. Em uma sala de aula, a diferença entre o ruído e a escuta pode estar na postura de quem conduz: um professor que se coloca em roda com seus alunos, que compartilha histórias e se permite afetar por elas, cria um espaço simbólico onde todos se sentem vistos e ouvidos. A roda, nesse contexto, não é apenas uma disposição física, mas uma metáfora da horizontalidade, da partilha e da confiança.

Estabelecer vínculos exige também autoconhecimento. O educador que deseja tocar seus alunos precisa reconhecer em si as potências afetivas que carrega — aquilo que pode oferecer com verdade e sensibilidade. Como se aprende mais com quem se ama, ensinar é também um gesto de afeto. E contar histórias é uma das formas mais potentes de expressar esse afeto, pois permite que o outro se veja, se escute e se reconheça na narrativa.

A contação, nesse sentido, não se limita ao espaço da sala de aula. Ela pode (e deve) transbordar para a comunidade escolar como um todo. Pais, irmãos, familiares e demais agentes educativos podem ser convidados a participar dessa experiência, seja diretamente, em eventos e encontros, seja indiretamente, por meio das histórias que os próprios alunos passam a contar. Quando a palavra narrada circula, ela cria laços — entre gerações, entre culturas, entre memórias.

Para que esse processo aconteça de forma significativa, é possível propor vivências que favoreçam a escuta, a interação e o reconhecimento mútuo. Atividades lúdicas e simbólicas, como jogos de apresentação, exercícios de ancestralidade e partilhas em roda, ajudam a romper a timidez, despertar a imaginação e fortalecer os vínculos entre os participantes. Ao se reconhecerem como sujeitos de uma história — e como herdeiros de muitas outras — os alunos passam a se ver como parte de algo maior, como elos de uma corrente de memórias e afetos.

Essas vivências preparam o grupo para a escuta de uma história. E quando a narrativa chega, ela encontra um terreno fértil, já cultivado pela presença, pela escuta e pela confiança. Contar histórias, nesse contexto, é um ato de memória e de identidade. É uma forma de resistir à desumanização e de afirmar a potência da palavra como espaço de encontro. Quando o educador narra, ele não apenas transmite um conteúdo — ele se oferece como presença, como escuta, como vínculo. E é nesse gesto que a educação se torna, verdadeiramente, um processo de humanização.

DO ENCANTAMENTO À PARTILHA: O PROCESSO DE APROXIMAÇÃO COM O CONTO

Contar histórias é também um exercício de escuta interior, de presença e de entrega. Antes de oferecer uma narrativa ao público, o contador precisa vivê-la, senti-la e permitir que ela o transforme.

O processo de aproximação com o conto é, portanto, um caminho de encantamento e construção de sentido — uma jornada que começa na leitura e culmina na partilha.

A preparação para contar uma história envolve uma série de passos que vão além da memorização. É preciso ler, reler, escutar a própria voz, imaginar as cenas, sentir os cheiros, os sons, os movimentos. O conto precisa ser incorporado, decantado, transformado em imagem interna. A leitura silenciosa dá lugar à leitura em voz alta; o papel cede espaço à memória; e a linguagem escrita se converte em linguagem viva, pulsante, afetiva.

Esse processo pode ser sistematizado em etapas que ajudam o contador a se apropriar da narrativa de forma orgânica. Desde a leitura inicial até a reescrita com base em imagens desenhadas, cada fase convida à imersão e à escuta sensível. A história deixa de ser um texto e passa a ser uma experiência. Como afirma Catherine Zarcate:

> "O conto é como um ser humano: ele tem um esqueleto, a carne, as roupas, uma alma. O esqueleto é a estrutura do conto. Se você o modifica, você quebra o conto. A carne não é a mesma coisa. A carne é a cultura. Uma chinesa não anda como uma africana. Essa diferença existe no conto. As roupas são as palavras que você utiliza. Mas para vestir um conto não se deve cometer um erro cultural. Para contar um conto chinês, é importante saber o que é a China. Você conta um conto indiano e sente que tem em sua boca e em suas palavras o sari. Mas há milhares de saris e você pode escolher entre eles. Essa escolha cabe inteiramente a você." (ZARCATE, 1987, p. 7)

Essa metáfora revela a complexidade e a beleza do ato de contar: é preciso respeitar a estrutura do conto, mas também vesti-lo com a própria voz, com a própria cultura, com a própria sensibilidade. O contador é, ao mesmo tempo, guardião e criador — alguém que honra a origem da história, mas também a reinventa a cada nova escuta.

Ao final desse processo, o contador está pronto para oferecer o conto ao público. Mas essa oferta não é apenas uma performance: é um gesto de partilha, de presença e de escuta. Contar é um ato de generosidade, e cada história contada é uma ponte lançada entre mundos, tempos e afetos. É nesse encontro que a palavra narrada revela sua potência formadora e humanizadora.

RITMO, PERSONAGENS E O RESPEITO ÀS CULTURAS: APROFUNDANDO A ARTE DE NARRAR

A contação de histórias é uma prática que exige sensibilidade, escuta e presença. Mas também requer estudo, preparação e consciência. Ao se aprofundar em um conto, o contador não apenas memoriza uma sequência de eventos — ele mergulha em sua estrutura, em seus personagens, em seus ritmos e, sobretudo, em seus sentidos. Esse mergulho é o que permite que a narrativa seja oferecida ao público com autenticidade e verdade.

Um dos primeiros aspectos a considerar é a sequência narrativa, ou seja, a forma como os acontecimentos se encadeia e se relaciona. A apropriação da história, como destaca Isaac Bernat, é o que permite ao contador conectar-se com o presente, com o aqui e agora da escuta:

> "... a prática forjada pela tradição oral confere ao griot uma apropriação da história que respira junto com o momento e o local onde está sendo contada. Talvez esta comunicação com o presente, ou seja, com o aqui e o agora sem se desconectar do tempo e do espaço onde tudo se passa seja um dos principais ensinamentos que um griot pode trazer…" (BERNAT, 2013, p.98)

Além da estrutura, o ritmo da narrativa é um elemento essencial. Cada parte da história carrega um clima próprio — tranquilo, eufórico, melancólico — e esse clima determina o ritmo da narração. O contador precisa estar atento a essas nuances para manter o interesse do público e criar uma experiência envolvente. Esse ritmo, no entanto, não está apenas na história — ele está também no contador. Cada narrador imprime à narrativa sua própria sensibilidade, suas vivências, sua forma de ver o mundo. Como destaca Regina Machado:

> "Uma história é uma ideia narrativa em desenvolvimento. Assim como um trem tem uma locomotiva que puxa todos os outros vagões a ela ligados, também a história tem um núcleo inicial a partir do qual ela se desenvolve até o desfecho final." (MACHADO, 2004, p.44)

Outro aspecto fundamental é o estudo dos personagens. Conhecer profundamente os personagens de uma história é como conhecer uma pessoa: exige tempo, escuta e imaginação. O contador precisa se perguntar como esse personagem caminha, fala, sente, o que teme, o que deseja. Esse processo de criação íntima torna a narrativa mais viva e verdadeira, pois o narrador fala de alguém que, para ele, realmente existe.

Por fim, é importante refletir sobre o respeito às culturas das quais os contos se originam. Contar histórias de outras tradições é um gesto de homenagem, mas exige responsabilidade. Não é necessário pertencer a uma cultura para contar suas histórias, mas é essencial conhecê-la, compreendê-la e respeitá-la. O conto precisa fazer sentido para quem conta, para que chegue ao público com autenticidade e reverência. É preciso brincar com a história. Imaginar a narrativa de trás para frente, inverter papéis, criar novas possibilidades — tudo isso faz parte do processo de apropriação. A criança, quando quer imaginar, brinca. O contador, ao brincar com a história, encontra nela novos sentidos, novas camadas, novas formas de tocar o outro. É nesse jogo criativo que a narrativa se torna viva, pulsante e transformadora.

O CONTADOR E O ENCANTO: CORPO, VOZ E PRESENÇA

Uma vez que o contador já se apropriou da história, compreendendo sua estrutura, seus personagens e seus sentidos, é hora de explorar os recursos que podem potencializar a experiência

narrativa. Esses recursos se dividem em dois grandes grupos: os internos, que dizem respeito ao corpo e à expressividade do narrador; e os externos, que envolvem elementos complementares como música, objetos e vestimentas.

Recursos internos: o corpo que conta

Contar histórias é um ato que envolve o corpo inteiro. Não é apenas a voz que narra — os olhos, os gestos, a postura, o ritmo da respiração, tudo comunica. Há contadores cuja expressividade está no rosto; outros que falam com as mãos; e há aqueles em que a palavra percorre o corpo todo, como se cada parte estivesse envolvida na construção da narrativa.

Reconhecer essas características em si mesmo é um passo importante para aprimorar a contação. Observar-se no espelho ou gravar-se contando são práticas que ajudam a perceber como o corpo participa da história. Não se trata de ensaiar como um ator, mas de permitir que a espontaneidade se manifeste com consciência. Com o tempo, os gestos e expressões se repetem naturalmente, pois nascem das imagens internas que o contador construiu.

A associação entre as imagens do conto e as vivências pessoais também é um recurso poderoso. Ao compor a voz de um personagem, por exemplo, o narrador pode evocar a lembrança de alguém que conheceu — um avô, um vizinho, um amigo. Essa conexão afetiva dá autenticidade à narrativa e aproxima o público da história.

Brincar com o corpo é uma forma de aprofundar essa apropriação. Representar cenas com gestos, experimentar caminhar como os personagens, imaginar suas vozes e expressões — tudo isso contribui para que o conto se torne mais vivo e presente. É, mais uma vez, um exercício de escuta e de imaginação.

RECURSOS EXTERNOS: SONS, OBJETOS E SÍMBOLOS

Além do corpo, o contador pode lançar mão de recursos externos que enriquecem a narrativa. A música, por exemplo, é um elemento ancestral da contação. Os griots e djélis da África Ocidental utilizam a *kora*, instrumento de 21 cordas com som semelhante ao da harpa, para acompanhar suas histórias. A música cria atmosfera, evoca emoções e sustenta o ritmo da narrativa. Se o contador tiver habilidades musicais, pode incorporar instrumentos ou canções à sua apresentação, desde que esses elementos estejam a serviço do conto, e não o contrário.

A percussão é outro recurso acessível e eficaz. Instrumentos simples, inclusive feitos com materiais recicláveis, podem reproduzir sons da natureza — chuva, vento, mar — e estimular a imaginação do público. O cuidado, aqui, é o mesmo: o som deve entrar no momento certo, sem sobrepor-se à narrativa.

O uso de objetos e fantoches também pode ser explorado, desde que com consciência. Ao apresentar um objeto que representa um personagem, o contador ativa uma camada diferente da imaginação do ouvinte. Não se trata de substituir a palavra, mas de complementá-la. Para isso, é importante pesquisar, observar outros contadores que utilizam esses recursos e compreender como eles operam no imaginário.

A vestimenta é outro elemento simbólico. Em contextos tradicionais, o contador pode estar com suas roupas do dia a dia, e isso não diminui em nada a força da narrativa. No entanto, em ambientes urbanos, a vestimenta pode ajudar a marcar a transição entre o cotidiano e o momento da contação. Um lenço, um colar, uma flor no cabelo — pequenos adereços podem sinalizar essa mudança e ajudar o próprio contador a entrar no estado de presença necessário para narrar.

Mais do que estética, a vestimenta pode ser um ritual de passagem, um convite à escuta. E se, ao final da história, o público lembrar do conto e não da roupa do contador, é sinal de que o foco permaneceu onde deveria: na palavra narrada.

Todos esses recursos — internos e externos — devem estar a serviço da história. Experimentar, praticar, escutar opiniões e observar o impacto da narrativa no público são caminhos para desenvolver-se como contador. A contação é uma arte viva, e como toda arte, exige entrega, escuta e constante reinvenção.

O ENCONTRO: CONTADOR, CONTO E PÚBLICO

No coração da contação de histórias está o encontro. Um encontro que não é apenas físico, mas simbólico, afetivo e ancestral. A dinâmica entre quem narra (o contador), o que é narrado (o conto) e para quem é narrado (o público) constitui um triângulo essencial, onde cada vértice é indispensável para que a experiência aconteça em sua plenitude.

O contador é o mediador entre o conto e o ouvinte. Sua presença, sua escuta e sua entrega são fundamentais para que a história ganhe vida. A forma como utiliza a voz, os gestos, o olhar e o silêncio podem transformar completamente a experiência do público. Mais do que um transmissor de palavras, o contador é um canal por onde passam emoções, imagens e sentidos.

O conto, por sua vez, é a matéria viva da narrativa. Ele pode ser um clássico da tradição oral, uma história contemporânea ou uma criação original. O importante é que ele faça sentido para quem conta — que haja uma conexão afetiva e simbólica entre o narrador e a história. Essa escolha é determinante para que o público também se conecte, pois é através da verdade do contador que a história encontra ressonância.

O público, por fim, é parte ativa desse encontro. Sua escuta, suas reações, seus silêncios e suas expressões moldam a narrativa em tempo real. Cada plateia é única, e a forma como recebe a história influencia diretamente a forma como ela é contada. O contador atento percebe essas sutilezas e ajusta seu ritmo, sua entonação, até mesmo suas escolhas narrativas, em resposta ao que sente vindo do público.

Essa interação é o que torna a contação uma experiência viva e irrepetível. Rir junto, suspirar, se emocionar, fazer perguntas — tudo isso transforma a escuta em partilha. O contador não conta *para* a plateia, mas *com* a plateia. Como afirma Isaac Bernat:

> “Ao se tornar parceiro do contador reconhecendo a autenticidade e a originalidade daquele momento, o público se torna vértice do triângulo, do qual já fazem parte o

> contador e o próprio conto. É fundamental que o contador, ao invés de contar para a plateia, conte com a plateia. Esta atitude passa pelo reconhecimento de que não existe uma ordem hierárquica entre contador e plateia, mas uma circunstância transitória, própria deste encontro." (BERNAT, 2013, p. 232)

Esse encontro é também um elo entre tempos. Somos, portanto, pontes entre o passado e o futuro. Cada vez que contamos uma história, ativamos memórias ancestrais e lançamos sementes no presente. O ato de contar é, assim, um gesto de continuidade, de resistência e de esperança. É nesse triângulo — contador, conto e ouvinte — que a palavra narrada encontra sua força mais profunda: a de criar vínculos, despertar sentidos e transformar realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias, ao longo deste artigo, foi compreendida como uma prática estética, afetiva e formadora, capaz de transformar espaços educativos em territórios de escuta, vínculo e imaginação. A partir da valorização da memória afetiva, da ancestralidade e da escuta sensível, evidenciou-se que o contador de histórias atua como mediador entre a palavra e o público, promovendo experiências significativas de humanização.

As reflexões apresentadas demonstraram que a contação não se limita à infância, mas alcança também jovens e adultos, despertando sentidos, emoções e pertencimento. A escolha consciente do repertório, o uso de recursos internos e externos, o respeito às culturas de origem dos contos e a preparação sensível do ambiente foram destacados como elementos fundamentais para a construção de uma narrativa viva e potente.

Conclui-se que contar histórias é um gesto de partilha e resistência simbólica, que fortalece vínculos, amplia horizontes e contribui para a formação de leitores e sujeitos sensíveis. Ao reconhecer a palavra narrada como espaço de encontro, o educador-narrador reafirma seu papel como agente de transformação e de escuta no processo educativo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté.** Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?** São Paulo: Paulus, 1992.

BRENMAN, Ilan. **A amizade eterna e outras vozes da África.** São Paulo: Moderna, 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil.** São Paulo: Global, 2000.

CHAVES, Iduina Mont'Alverne Braun; ALMEIDA, Rogério de. **100 anos Gilbert Durand.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2022. DOI:

https://doi.org/10.11606/9786587047331. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/833. Acesso em: 22 maio 2025.

CORALINA, Cora. **Melhores poemas.** São Paulo: Global, 2004.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. Antropolíticas da Educação. São Paulo: Képos, 2014.

GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites.** Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (org.). **Histórias de quem conta histórias.** São Paulo: Cortez, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Regina. **Acordais – Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004. MATOS, Gislayne Avelar;

SORSY, Inno**. O ofício do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e o curumim.** São Paulo: Melhoramentos, 2018.

ZARCATE, Catherine. **Portrait d'une conteuse** *[Retrato de um contador de histórias]***.** Dire, Paris, n. 1, primavera 1987.